

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXI)

UM POUCO DE HISTÓRIA DO SINDICALISMO

A história do sindicalismo e dos movimentos sindicais é pouco estudada nas escolas, tanto em seu conteúdo doutrinário quanto em seu significado social. Muito se fala da industrialização como fator fundamental para o desenvolvimento. O que é verdade. Entretanto, no desenvolvimento industrial há uma forte exaltação do capital e um quase esquecimento da força do trabalho. A sombra deste esquecimento nasce o sindicalismo.

Antes de falar das relações dos imigrantes italianos com o sindicalismo, para uma boa compreensão dos fatos, é preciso lembrar alguns elementos, seja em relação à história do sindicalismo em geral, seja em relação aos princípios doutrinários que definem o que é o sindicalismo. Os ideais, os objetivos e a doutrina que fundamentam o sindicalismo no mundo inteiro, até hoje, são poucos conhecidos. A idéia mais divulgada, seja entre os imigrantes, seja no Brasil em geral, é a mesma que existiu na cidade de Schio por ocasião da greve geral, já lembrada.

Esta visão do sindicalismo é uma compreensão caricaturada, ainda que haja muitos defensores, motivada por falta de conhecimentos. Não é preciso desenvolver grandes estudos para superar tal preconceito e reconhecer que a doutrina sindical tem uma forte fundamentação nos princípios da justiça social desde as suas origens. Este é um tema que exige mais tempo e espaço, entretanto, apenas para estimular as pessoas a estudar mais, vamos lembrar um pouco de sua história.

A história do sindicalismo começa ainda na Idade Média com as Corporações de Ofícios que eram associações com a finalidade de reunir os artesãos, (como eram designados os trabalhadores), classificados em três categorias: mestres, oficiais e aprendizes. Cada corporação se constituía a partir de uma unidade de produção. Assim se constituíram corporações de carpinteiros, ferreiros, alfaiates, sapateiros, padeiros, entre outros. Cada corporação devia garantir os direitos e interesses de cada tipo de artesão. Por exemplo, as alfaiatarias deveriam confeccionar roupas e não poderia consertar, assim como uma oficina de conserto não podia confeccionar peças novas.

No Brasil surgiram corporações desde o início da colonização, mas sofreram muitas restrições por parte do governo de Lisboa. Por fim, D. Pedro I. A exemplo do que estava acontecendo na Europa, resolveu, em 1824, abolir definitivamente as corporações. Com o surgimento do sistema capitalista de produção o poder passou para o dono do capital e não mais exercido pelos artesãos, isto é, por aqueles que detinham o saber e as técnicas de produzir, que passaram à condição de empregados.

A revolução industrial teve um papel fundamental para o advento do capitalismo, quando os donos das indústrias passaram a administrar suas empresas como senhores absolutos visando exclusivamente os lucros. As vítimas maiores deste sistema de administração foram os operários. Os patrões estabeleciam, segundo seus critérios, o salário a ser pago e o tempo de serviço. Esta situação operária inspira o sindicalismo moderno.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXII)

O SINDICALISMO MODERNO

O sindicalismo moderno começa com as organizações de operários em defesa de seus interesses diante da exploração dos patrões. Infelizmente, o sindicalismo começa como um confronto entre classe patronal e a classe proletária. Acontece que os interesses de um lado são contrários aos do outro lado. Por exemplo, o salário, para os operários, é a única fonte de recursos para sua sobrevivência, portanto está no lado dos ganhos. Para o patrão, o salário pago aos trabalhadores é colocado como custo, como gasto, como perda de lucros.

Diante a avaliação oposta do salário ficou difícil o entendimento pacífico. O que se viu, e se vê, é o confronto tendo como atitude mais frequente a greve. Um exemplo pode explicar melhor. O fato escolhido é conhecido de todos, é mais abrangente e ocasionou a declaração do Dia Internacional da Mulher.

"No Dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade norte americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho".

Ninguém desconhece qual foi a reação dos patrões, mas não custa lembrar. A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas. Uma atitude que não passa de barbárie. Apenas para completar. Em 1910 foi decidido que o 8 de março passaria a ser o "Dia Internacional da Mulher", em homenagem às mulheres que morreram na fábrica em 1857. E somente em 1975, a data foi oficializada pela ONU.

Haveria uma série de aspectos a sublinhar, entre eles, dois são fundamentais. O primeiro, mais conhecido, define o sindicalismo como um movimento social de associação de trabalhadores assalariados para a proteção dos seus interesses. Este aspecto é facilmente aceito pelo de fato de que todas as pessoas têm o direito de defender seus direitos e interesses. Os questionamentos acontecem em referência aos meios utilizados.

O segundo aspecto, menos conhecido, contudo, mais importante, apresenta o sindicalismo como uma doutrina política segundo a qual os trabalhadores agrupados em sindicatos devem ter um papel ativo na condução da sociedade. É aqui que surgem os maiores conflitos e discordâncias.

Costuma-se dizer que a revolução industrial alterou a ordem social. A profundidade desta mudança pode ser questionada a partir do ponto de vista da análise. Por exemplo, o poder mudou apenas de mãos. Os nobres senhores absolutos do poder político foram substituídos pelos empresários que reuniram o poder econômico ao poder político. O povo continuou, mais ou menos, na mesma situação. A novidade foi o poder de se sindicalizar.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXIII)

OS SINDICALISTAS CHEGAM AO BRASIL

A presença dos movimentos sindicalista basicamente começa, no Brasil, no início do século XX acompanhando o surgimento das primeiras indústrias. Isto porque enquanto o Brasil foi colônia de Portugal (1500 a 1822) não houve desenvolvimento industrial. A metrópole proibia o estabelecimento de fábricas em território brasileiro, Aqui se devia consumir os produtos manufaturados portugueses. Mesmo com chegada da família real o Brasil continuou dependente do exterior, agora, importando so produtos ingleses. Desta maneira a industrialização no Brasil começa, de fato e de maneira rudimentar, apenas no final do século XIX.

Alguns cafeicultores passaram a investir parte dos lucros no estabelecimento de indústrias, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Surgiram também fábricas de tecelagem, calçados e outros produtos de fabricação mais simples. O importante para a questão do sindicalismo no Brasil é saber que a mão de obra usada nestas fábricas era, na maioria formada por imigrantes italianos. E o que é mais importante ainda é saber que boa parte destes trabalhadores das fábricas já tinha consciência de seus interesses e direitos, em especial, os operários da indústria têxtil, como já foi lembrado.

Esses operários, portanto distintos dos trabalhadores rurais (contadini), a maioria vinda ao Rio Grande do Sul, já tinham uma experiência de trabalho assalariado e de um conjunto de direitos trabalhistas conquistados e em vigor em países mais desenvolvidos. Chegando ao Brasil se deparavam com uma sociedade atrasada no quesito direitos e com práticas escravocratas. Rapidamente esses homens começaram a se organizar, formando o que viriam a ser os sindicatos, que começaram, como foi dito acima, no início do século XX.

O sindicalismo, no Brasil, no rio Grande do Sul e no mundo inteiro, enfrentou muitos desafios até ser reconhecido como um movimento legítimo e de decisivas contribuições para o equilíbrio social, especialmente no que se refere aos enfrentamentos entre as classes patronais e as assalariadas. Hoje, as organizações sindicais podem ser de patrões ou de assalariados. Além disso, se, no começo, os sindicatos reuniam indivíduos, hoje, diante da diversidade de empregos e de empresas, eles acabaram por se aglutinar em federações ou centrais sindicais.

Na implantação do sindicalismo no Brasil é preciso observar duas linhas ideológicas distintas. Foi em São Paulo que o movimento sindical ocorreu com mais força e ambição. Os imigrantes integravam a massa de trabalhadores das fábricas e indústrias, em especial, as têxteis. Os sindicalistas mais ativos eram anarquistas italianos que visavam o poder político e, para tanto, provocaram rebeliões, contidas por uma violenta repressão policial. No Rio de Janeiro os sindicalistas tinham objetivos mais imediatos como a melhoria de salários e a diminuição do horário de trabalho. Não visava a uma transformação da sociedade através dos sindicatos como pretendia o anarcossindicalismo paulista.

No Rio Grande do sul o movimento sindical encontrou uotro ambiente.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXIV)

AS COLÔNIAS ITALIANAS GAUCHAS E O MOVIMENTO SINDICAL

Para começar esta breve descrição sobre o surgimento do sindicalismo nas Colônias italianas é preciso recordar o que escreveu o prof. Antônio Folquito Verona. Segundo ele a instalação da indústria têxtil em Galópolis por imigrantes italianos, provenientes de Schio, teria sido a responsável pelo sucesso da industrialização de Caxias do Sul.

Diante desta afirmação do Prof. Verona, duas observações podem ser feitas. Em primeiro lugar, pode-se questionar a relação direta entre a indústria têxtil de Galópolis e a origem das indústrias de Caxias, a começar pela Abramo Eberle & Cia. A segunda, que ele pouco trata, é observar a origem destes imigrantes. Eles são de Schio e ex-empregados dispensados pelas indústrias de tecelagem, que haviam participado ou simpatizado com os grevistas. Mais, eles pertenciam ao mesmo grupo que ficou em São Paulo e que provocou rebeliões sindicais, anteriormente já referidas, portanto, parece lógico atribuir-lhes a introdução dos movimentos sindicais na região.

A industrialização nas Colônias italianas, como foi visto, originou-se de atividades artesanais e o operariado provinha da mão-de-obra excedente da agricultura. Ninguém tinha consciência do que era a classe operária. O pouco que se sabe sobre a questão operária está no trabalho, já citado, Pobres Construtores de Riqueza, de Valentim Lazzarotto. Uma pequena luz sobre a questão operária pode ser percebida no subtítulo: **A Riqueza Industrial da Colonização Italiana Começa Aqui. A Pobreza Operária Também.** Não faz mal lembrar que esta pesquisa é uma análise da metalúrgica Abramo Eberle. Como ela foi a primeira indústria de porte, tanto pela sua produção tanto pelo número de operários e pela proximidade com Galópolis, era natural que o movimento sindical aí surgisse.

Vários seriam os aspectos a serem abordados, mas o que interessa, aqui, é enfocar as reações diante do sindicalismo. A primeira reação é de total resistência. A administração não admitia greves e demitia sumariamente os possíveis simpatizantes. Do lado operário nada melhor que ouvir a fala de Bruno Segalla, o primeiro e notório líder sindical de Caxias: "A greve na Firma Eberle era quase impossível. Havia a maior dificuldade em organizar homens que participassem de uma greve para defender seus interesses. Na primeira tentativa de greve participaram apenas 6 operários. A empresa Eberle tinha uma tradição, uma espécie de Bíblia trabalhista que conseguia eliminar todas as greves".

Certamente a maior resistência ao sindicalismo se deveu ao fato de ser reduzido a fazer greve, quando, como foi dito, ele representa uma defesa dos direitos do trabalhador e uma participação social de exercício da cidadania.

Era frequente, há algum tempo, considerar o emprego como um favor do patrão para o empregado. Uma generosidade que o retirava da miséria. Houve um caso que mostra o medo do sindicalismo. Alguém resolve implantar uma fábrica de calçados. Precisou trazer operários especializados. Não demorou muito para ser fechada. Conta-se que a razão oculta foi o perigo de contaminação dos demais trabalhadores locais pelas as lutas sindicais.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXV)

A RECEPÇÃO

Antes de retomar alguns pontos que dizem respeito à continuidade do principal trabalho dos primeiros imigrantes a ocupação da terra e a produção agrícola, é interessante lembrar um pouco de como ocorreu a recepção dos imigrantes

As narrativas que os pais passaram para os filhos não passam de referências de pouca atenção das autoridades e de um semi abandono ao próprio destino. Nem sempre se insiste sobre a recepção, seja das autoridades seja da população brasileira, dispensada aos imigrantes. Todos caminhavam como um rebanho em busca da terra prometida. Uma generalização não pode ser feita sem correr o risco de cometer injustiças. Em termos gerais, parece que tanto a despedida da velha pátria como a em relação na nova pátria não foram muito diferentes. Melhor, foram muito semelhantes.

A história das migrações em geral, lida nas suas linhas gerais, mostra que as práticas pouco acolhedoras eram uma constante. Neste sentido, apenas para dar um exemplo do que ocorreu no nosso país vizinho, a Argentina. O escritor e político italiano, Enrico Coradini, escreveu em sua revista, *Idea Nazionale*: "O que é o trabalho italiano na Argentina? Tudo. O que são os italianos? Nada". A situação no Brasil e em outros países, como já foi visto, não foi mais animadora. Entretanto é preciso fazer uma distinção entre o que ocorreu no centro do país, em particular, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, e o que ocorreu nos estados do sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A diferença está no regime fundiário de latifúndios praticado no centro do país, com o cultivo de cana de açúcar e café. Os fazendeiros queiram substituir a mão de obra escrava pelo trabalho dos imigrantes e a promessa de aquisição de uma gleba. Infelizmente o tratamento era mais para escravos do que de trabalhadores livres. Somente a teimosia pela posse de um pedaço de chão os fez suportar este tipo de acolhida. Para completar nada melhor do que transcrever esta citação: "João Correia de Freitas, Prof. da Universidade do Paraná: "as vezes sinto até nojo. Essa gente veio para o Brasil há um século e meio, quase sempre sem ter nada e o País os recebeu de braços abertos. Agora, na hora da dificuldade, eles imaginam que com idéias mesquinhas, fascistas, se livrar[am] da crise e de um país que os acolheu". Sim, comenta Júlio Posenato "os imigrantes forma acolhidos de braços abertos, tanto quanto de braços abertos foram acolhidos os escravos africanos".

Nos três estados do sul citados, a situação foi diferente pelo fato de que cada um teve acesso a um lote. O problema foi a falta de assistência quase completa em todos os setores, saúde, educação, moradia, estradas, alimentação. O que mais os afligiu foi o isolamento, o que faz aumentar a sensação de abandono. Situação agravada pela emancipação das Colônias, por Decreto Imperial. Sem condições de autossustentação, obrigadas a se anexaram a municípios existentes, pareciam condenadas ao fracasso. Só não fracassaram por causa da aspiração exacerbada dos italianos pela propriedade de um pedaço de terra, de sua índole determinada e trabalhadora.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXVI)

REENCONTROS

As duas grandes guerras, 1914-1918 e 1939-1945, romperam brutalmente as poucas relações que haviam entre os imigrantes e seus familiares que não optaram por emigrar. Foram os festejos do centenário, ocorridos em 1975, que as comunicações foram retomadas. Alguns grupos de descendentes atraídos pela promoção turística, Volta ao Vêneto, já em 1974, fizeram o percurso de retorno, não mais nos velhos navios, mas em confortáveis aviões. Apenas para lembrar, vários marauenses aproveitaram a oportunidade. Numa destas excursões, maio de 74, faleceu o Frei Benjamin, vigário de Marau.

Esses reencontros podem ser analisados de diversas maneiras. Sob o ponto de vista das autoridades, tudo indica que o motivo principal foi definido por interesses econômicos. Neste sentido é suficiente lembrar o exemplo da FIAT, através da sua Fundação Giovanni Agnelli, que começou se interessar, em 1978, pela emigração italiana no mundo e, depois de dez anos, no Brasil também. O objetivo foi dito sem rodeios: "Nosso interesse foi, de imediato, não aquele de compreender porque acontecera a emigração italiana, mas quais tinham sido os êxitos nos países de acolhida". Marcello Pacini, representante da Fundação Agnelli, torna ainda mais claros esses objetivos no editorial do primeiro número da revista, ALTREITALIE, afirmando que "... no século XIX e no século XX, encontramos, importante mas discreto, quase perdido no vozerio artificioso da grande história, o vasto dispêndio humano da emigração, sem que a península tenha podido obter um brilhante proveito". Óbvio, trata-se de um proveito econômico.

Continuando citar declarações da esfera oficial merece particular atenção a deputada italiana Maria Federici ao afirmou que os "imigrantes italianos subiam nos navios fugindo de um país ingrato que nunca tinha sido para eles uma pátria verdadeira. E, na mesma toada, Deliso Villa afirma que "depois de ter forçado a partida dos emigrantes, a Itália quer se esquecer deles". Por fim, cada um pode tirar suas conclusões deste fato, relatado por Júlio Posenato: "Gianni Martini, quando cônsul italiano em Porto Alegre, disse para Carino Corso, em Passo Fundo: **Vocês não são italianos, mas caipiras italianos**".

Certamente houve muitos reencontros, tanto nas relações oficiais quanto nas pessoais que foram e continuam sendo altamente positivos. O movimento das cidades gêmeas (gemelagio), os intercâmbios culturais, em especial, o teatro, a participação de cursos temporários na agricultura, particularmente, na vitivinicultura.

As maiores surpresas acontecem nos reencontros interpessoais. Uns cheios de surpresas agradáveis, outros nem tanto e alguns decepcionantes. Tudo depende da expectativa das pessoas. Florence Carboni conta que um gaúcho de origem italiana, ao visitar a Itália, se surpreendeu ao constatar que os torteis do restaurante de Mantova são iguais aos da nona. E decepcionou-se ao perceber que, para os parentes italianos, a situação dos parentes brasileiros lhes era totalmente estranha.

Questões mais polêmicas: reemigração e dupla cidadania. Uma disputa de empregos.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXVII)

A HISTÓRIA CONTINUA

A história da imigração italiana do Rio Grande do Sul, para muitos, é um período que se inicia em 1875 e termina em 1914, quando inicia a primeira guerra mundial e o ciclo migratório intenso se fecha. Na verdade esta é uma maneira muito simplista de entender a história. No caso, toma-se o momento em que o movimento migratório começa e a data em que é suspenso. Entretanto o historiador parte das causas e situações que levaram as pessoas a emigrar, o que faz recuar o início até dezenas ou centenas de anos. O fim da história, também, não termina com a chegada dos últimos imigrantes. Ela pode continuar de maneira ilimitada de maneira mais ou menos intensa através da presença dos descendentes pelo processo de integração à história da nova pátria preservando ou não sua identidade.

Não é preciso demonstrar que a história da humanidade é formada pelo conjunto da história de todos os povos. E os historiadores, para fins didáticos, costumam dividir a história em quatro épocas distintas: a pré-história (não seria história), a antiga, a moderna e a contemporânea. Hoje, diante da nova compreensão de história, essa divisão é questionada, pois a pré-história é tanto história como as outras três. O fato de não ter sido escrita e ser conservada pela transmissão oral, não lhe tiraria a condição de história. Mas essa é outra questão. O que importa é a continuidade do processo do desenvolvimento humano.

Neste sentido, a continuidade da história da imigração italiana no Rio Grande do Sul nos leva a considerar o que aconteceu e está acontecendo depois que os imigrantes se instalaram em suas colônias até a data de hoje, 135 anos passados. E o ponto central para entender a continuidade é observar até que ponto se mantém viva a idéia de italianidade. Em poucas palavras, em que medida a cultura italiana mantém suas características originais no interior da integração com as demais culturas. Entretanto, deve ficar claro, isto não pode significar isolamento ou proclamação de superioridade.

Esta continuidade histórica, em parte, já foi traçada quando se tratou das suas contribuições no processo de integração. Resta saber se essas contribuições culturais da italianidade continuam presentes atualmente e como podem ser preservadas. Há algum tempo, surgiu a expressão "Mi son Talian, Gràssie a Dio". Formaram-se várias reações discordantes. Alguns a interpretaram como uma frase infeliz e ingênua. Outros julgaram que poderia representar uma atitude racista. No meu entender, embora respeite essas interpretações, interpreto-a como uma expressão de orgulho por ser italiano, isto é, ítalo-gaúcho, assim como os gaúchos se orgulham de serem gaúchos. E mais, diria que foi um desabafo dos tempos em que ser italiano ou falar italiano podiam acarretar perseguições políticas. A partir dos festejos do centenário da imigração e do sucesso do Quatrilho, nada mais natural e justo do que orgulharem-se de suas origens e de suas contribuições para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul. A fala carregada e ser colono tornaram-se honra.

Completados 135 anos de imigração italiana, não basta voltar-se para o passado, é fundamental observar como os descendentes continuaram e continuam o trabalho iniciado.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXVIII)

A COLONIZAÇÃO 135 ANOS DEPOIS

Muito se tem falado e escrito sobre os primeiros anos da presença dos imigrantes italianos em terras rio-grandenses. Muita coisa se perdeu, já que apenas a partir das comemorações do centenário surgiram iniciativas sérias com o objetivo de preservar o que ainda era possível depois de cem anos. As fontes mais acessíveis foram os relatos transmitidos via oral de pai para filho. Entretanto documentos, correspondências, livros, objetos de uso pessoal, utensílios de uso doméstico, instrumentos de trabalho e, especialmente, antigas construções, como residências, moinhos, casas comerciais, igrejas, capitéis, que ainda não tinham sido destruídos como velharias, clamavam por socorro. O mais difícil foi convencer a população reconhecer em tudo isto um valor histórico, não de uma história qualquer, mas da história de cada um e de todos. Uma biografia coletiva..

A luta pela preservação do acervo cultural, depois de 135 anos de imigração, pode-se dizer, que foi vencida, embora deva continuar. Não resta dúvida que há uma boa, não completa, restauração deste período histórico.

Há um outro cenário, ainda pouco explorado, que é o da ecologia. Todos sabem que não houve nenhum planejamento de ocupação do solo. As tecnologias foram as mais primitivas. Hoje, 135 anos depois, ouvindo o eco das primeiras machadadas e o crepitar das queimadas, aceitando os ensinamentos da ecológica, pode-se dizer, sem ofender ou culpar os imigrantes, que houve uma devastação. As florestas, em pouco tempo, deram lugar à agricultura. Os animais ferozes ou predadores foram dizimados. Os animais e aves de caça se transformaram em suculentos acompanhamentos da polenta. Suas lembranças permanecem em nomes de rios, morros, cidades, localidades, vales ou regiões.

Sobre este tema, ainda, existem muitas controvérsias. Talvez, o melhor argumento seja reproduzir parte do depoimento de um homem centenário, publicado na Revista *Insieme* de dezembro de 2009. João Sartor, oriundo de Sananduva e tendo passado por vários Estados, inicia dizendo: *co se ze dóvani se fa le sue* (quando se é jovem, a gente apronta). Até os setenta anos João trabalhou na agricultura, no comércio e na indústria. Hoje, com cem anos, insiste que "cultivar as origens ajuda a viver melhor. Não me refiro apenas à gastronomia, às danças, à música, à religião, mas aqueles valores da casa – o amor entre pais e filhos, a compreensão, o respeito aos mais velhos, a ajuda mútua entre os vizinhos. Enfim, aquele modo de ser família italiana". Por fim diz: "proibir, (ou deixar), de falar a língua materna é arrancar um pedaço da gente".

Na sequência, João lamenta as mudanças: "O que mais me entristeceu nestes cem anos é a perda de pessoas queridas. Não menor é a tristeza em ver a destruição das matas, a poluição dos rios onde nadei sem medo de beber aquela água, a incoerência de governantes, ricos em discursos, e miseráveis em realizações". Diante da omissão dos outros, o João centenário dá exemplo, "cultiva a horta planta árvores e fruteiras para, no futuro, dizerem: *"Questi ze i fruti del nono o del bisnono"* (Esses são os frutos do avô ou do bisavô).

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXXIX)

NOVAS CAMINHADAS E A MESMA ESTRATÉGIA

Durante mais de meio século os primeiros imigrantes e seus descendentes enfrentaram praticamente as mesmas dificuldades e lutaram para garantir o seu futuro e o da nova família a ser criada. A pequena colônia, que no princípio lhes parecia quase ilimitada, com o nascimento de numerosos filhos, se tornou pequena e se esgotou. Insuficiente para sustentar a todos. Era preciso procurar novas frentes de colonização. E a história do começo se repetiu, ainda que com o auxílio dos pais ou, até, com sua presença, quando resolviam reimigrar todos.

Parecia repetir-se a história original. Dificuldades para chegar à nova terra dos sonhos, estradas precárias e pouca infraestrutura oferecida pelas empresas colonizadoras. O mesmo começo, no meio das florestas, Tudo por ser reiniciado. Casas provisórias, sem escolas, sem hospitais, sem igrejas e capelas, sem assistência religiosa, mas a mesma fé na proteção divina e a mesma confiança no seu trabalho. Tudo se alcançaria. A caminhada seguiu célere, ultrapassou os limites do Rio Grande, ocupou e atravessou os estados vizinhos e penetrou nos estados do centro-oeste e norte do Brasil. É verdade que as últimas etapas foram, geralmente, cercadas de confortáveis aportes financeiros, embora a implantação tenha exigido muito esforço diante de dificuldades um tanto diversas.

Sim, as dificuldades e os sonhos de bem-estar, bem como a crença do poder do trabalho eram uma repetição dos ideais dos pais e avós. Esse era o destino de cada um que continuasse acreditando na agricultura. Mas, a questão que se levanta é que continuaram os mesmos procedimentos da ocupação do solo. O ciclo se repetia. Derrubada indiscriminada da mata nativa, muito penosa por falta de instrumentos. As queimadas, quanto menos resíduos sobrassem, melhor seria. As dificuldades das sementeiras menores. Lenha para o fogão e o forno sempre sobrava.

Hoje, muitos marauenses e pessoas da região, nascidos nas décadas de trinta e quarenta, provavelmente, podem sentir, olhando para o passado, as mesmas tristezas reveladas pelo centenário João Sartor, da vizinha Sananduva, e transcritas na edição do jornal da semana passada.

Quem não se lembra dos imensos pinheirais. Os soberbos mult centenários pinheiros tão resistentes ao abate. Horas e horas para vê-los tombar, humilhados e abandonados ao apodrecimento, em grande parte. A roçaurgia. As serrarias, embora muitas, não eram suficientes. Contam que, há cinquenta anos, em Nicolau Vergueiro, havia, ainda, uma dezena em atividade. Quem não se lembra daquela abundância de pinhões que se podia recolher com facilidade depois do vento e da chuva. E a chegada das nuvens de papagaios em busca da farta comida. E os caçadores, saídos de todos os lados, instalavam uma guerra desigual. Em poucos dias a zoeira silenciava. As passarinhadas tornavam a polenta mais saborosa do que nunca. Somente papagaios feridos ou mortos, pelas beiras do mato. Os pinheiros tombaram, os pinhões acabaram e os papagaios nunca mais voltaram.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXL)

AS NOVIDADES DA ECOLOGIA

Os primeiros imigrantes e, certamente, toda a primeira geração, talvez, a segunda geração também, nunca ouviram falar de ecologia e muitos menos de projetos ecológicos, como regras para orientar as relações dos homens com a natureza.

A questão da ecologia se tornou um dos grandes temas que devem preocupar, não só os descendentes dos imigrantes italianos que continuam nas atividades agrícolas, mas de todas as pessoas seja qual for a atividade que exercem. Os conflitos gerados por interesses de grupos ou por ignorância acabaram por desvirtuar o significado de ecologia.

Diante destas polêmicas, nem sempre justificáveis, é preciso lembrar algumas previsões feitas por vários estudiosos de diferentes ciências. Esses estudiosos começam afirmando que em cada época a humanidade enfrenta problemas diferentes que precisam solucionar desenvolvendo novas ciências. Para o século XXI foi previsto que há três grandes áreas do saber que merecem atenção especial para o bem-estar de todas as sociedades. A primeira é a área da informação. A proteção da humanidade dependeria de uma eficiente tecnologia de informação, rápida e confiável. Com isso seria possível prevenir de perigos futuros, e as boas novas seriam usufruídas por todos. A segunda área seria a ecologia. A preservação do planeta é a condição primeira para a sobrevivência da espécie humana. Por fim, a terceira área seria a educação física, enquanto ciência que assegura uma vida saudável, pelo respeito de próprio corpo. Em contraposição à exploração e esgotamento do corpo pelo trabalho, pelo abuso da alimentação ou de drogas e pelos esportes de alto rendimento. Em duas palavras, o corpo é um sistema ecológico.

Uma pergunta: o que significa ecologia? Os dicionários dizem que é uma palavra composta de dois termos gregos, Oikos (casa, habitação) e Logos (estudo, conhecimento). Em relação à palavra grega, Oikos, não se pode esquecer que seu significado é muito mais abrangente que o significado nosso de casa. Oikos refere-se a tudo o que faz parte da casa: as pessoas – família, empregados e escravos – as construções, os animais, as propriedades, as atividades e a produção. A palavra ecologia, atualmente, designa a ciência que estuda e visa preservar o planeta Terra, como a casa da humanidade. A economia, que tem a mesma origem Oikos, pode ser entendida como sinônimo de ecologia. Economia significa, etimologicamente, a administração, a gerência, o governo da casa.

Fica claro que para todos os trabalhadores da agricultura, não importa a etnia e cultura, têm um outro compromisso, além de produzir mantimentos, preservar o meio ambiente, isto é, praticar uma agricultura sustentável. Além disso, é preciso recuperar os estragos anteriores. Esta tarefa é dupla. Numa ponta está o combate aos desmatamentos, ao assoreamento dos rios, a todo tipo de poluição, em especial o ar e a água, às queimadas, ao abuso dos agrotóxicos. Na outra ponta está o correto manuseio do solo, o recurso dos fertilizantes orgânicos, o reflorestamento, que é mais do que plantações de uma só espécie.

Os resultados somente surgirão quando houver uma consciência ecológica efetiva.